

## NOVO GOVERNO

# Lula escala uma equipe recorde de 11 ministras

O número de escolhidas é superior ao do governo Dilma Rousseff, que teve 10

» VICTOR CORREIA

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva fechou, ontem, a composição de sua Esplanada com um número recorde de mulheres no primeiro escalão. Serão 11 ministras em um total de 37 pastas. Aumentar a participação feminina no governo foi uma das promessas do petista durante a campanha eleitoral, embora ele tenha evitado se comprometer com a paridade total nos cargos.

Também ontem, Lula confirmou que a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil serão capitaneados por gestoras. “Nunca antes na história do Brasil teve tantas mulheres ministras”, discursou Lula. Os últimos anúncios de ministérios foram feitos durante coletiva de imprensa, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), sede do governo de transição.

“Nós vamos ter uma mulher presidenta da Caixa Econômica Federal e uma mulher presidenta do Banco do Brasil. O Banco do Brasil tem 200 anos, e nunca se pensou, nem de perto, de se ter uma mulher na presidência. Vamos provar que uma mulher pode ser muito melhor do que muitos homens que já presidiram o Banco do Brasil”, declarou.

Entre as ministras, as seis primeiras foram anunciadas ao longo das duas últimas semanas. Luciana Santos chefiará a pasta de Ciência e Tecnologia. Já a Saúde será liderada por Nísia Trindade. Para a Cultura, foi anunciada a cantora Margareth Menezes. Cida Gonçalves estará à frente do Ministério da Mulher. A Igualdade Racial ficará a cargo de Anielle Franco, irmã da vereadora assassinada Marielle Franco. Por fim, Esther Duek chefiará o ministério da Gestão.

As cinco restantes foram oficializadas ontem, embora quase todas já eram dadas como certas para a composição da Esplanada. Simone Tebet irá para o Planejamento, enquanto Marina Silva voltará a comandar o Meio Ambiente. Sônia Guajajara ficará à frente do inédito Ministério dos Povos Indígenas. A ex-jogadora de vôlei Ana Moser foi escolhida para chefiar o Ministério dos Esportes, e Daniela do Waguinho, o do Turismo.

Ed Alves/CB/D.A Press



O presidente eleito Lula discursa no CCBB, ao lado de algumas das futuras ministras do seu governo



**Nós vamos ter uma mulher presidenta da Caixa Econômica Federal e uma mulher presidenta do Banco do Brasil”**

**Luiz Inácio Lula da Silva, presidente eleito**

O recorde anterior de participação feminina foi da ex-presidente Dilma Rousseff, com 10 mulheres no primeiro escalão. O marco atual ainda está longe da paridade, já que as mulheres representam cerca de 51% da população brasileira. A composição, porém, foi considerada um importante avanço por especialistas.

Após o anúncio de Lula, algumas das futuras ministras falaram à imprensa. Em breve declaração, Simone Tebet garantiu que trabalhará em conjunto com o próximo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. “Já começamos tendo três identidades: somos professores universitários, ele tem parentes no meu estado, que são amigos em comum, e nós somos de origem libanesa.

Não tem como dar errado”, disse a senadora. Tanto o Planejamento como a Fazenda são resultado do desmembramento, em quatro pastas, do atual Ministério da Economia.

## Liderança

Já Marina Silva declarou que sua prioridade será combater o desmatamento, além de recolocar o Brasil como liderança internacional em políticas ambientais. “Política pública tem que ser duradoura, institucionalizada. Quando acontecem situações como essas, que nós vimos acontecer no governo Bolsonaro, o que sobrevive? São as políticas públicas bem desenhadas e institucionalizadas”, explicou a deputada federal eleita.

Marina também elogiou a forma como o gabinete provisório conduziu a questão ambiental, que deve se refletir no trato dado ao tema pelo novo governo. “Foi muito rico, durante o processo de transição, ver todos os setores dialogando com a questão ambiental, com o termo de referência dado pelo presidente. Fico muito feliz, porque, antes, o meio ambiente era um setorial apenas do Ministério do Meio Ambiente.”

A futura ministra adiantou que a pasta incluirá as Mudanças Climáticas em seu nome a partir de janeiro e que o cargo da autoridade climática também será criado a partir de março. Ela confirmou também sua participação no encontro anual do Fórum Econômico Mundial, que ocorre entre 16 e 20 de janeiro em Davos, na Suíça.

Sônia Guajajara, por sua vez, comemorou a criação do Ministério dos Povos Indígenas, classificando a pasta como “inédita e histórica”. Para ela, o gesto de Lula representa uma reparação do direito dos povos indígenas. “É muito significativo para a gente poder mostrar que nós, povos indígenas, podemos, sim, fazer gestão”, enfatizou.

## A turma de excluídos e insatisfeitos

Wesley Amaral/Agência Câmara



Lopes: “Muito espaço para o Centrão e acordos mal costurados”

» HENRIQUE LESSA

Ao definir a Esplanada dos Ministérios, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva não conseguiu acomodar partidos menores da sua própria aliança, como PV, Avante, Solidariedade, Prós. A expectativa é de que essas siglas ocupem posições no segundo escalão, que o petista fez questão de valorizar. “Depois de muitos ajustes, terminamos de montar o primeiro escalão do governo. Não menos importante, a partir da posse, vamos começar a discutir o segundo escalão, os cargos do governo federal em cada estado, para que a gente possa, em pouco tempo, ter todas as informações para fazer a máquina funcionar”, frisou.

“Eu queria dizer para vocês que a construção do governo continua, e vai continuar, inclusive, depois da posse.”

Para a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann, os partidos que fizeram parte da coligação de Lula são prioridade agora. “Gostaríamos muito que eles estivessem participando de ministério, mas, infelizmente, não tinha espaço. A gente sente muito isso, mas vamos procurar contemplar agora para nos ajudar no segundo escalão”, afirmou.

Futuro titular da Secretaria de Comunicação, Paulo Pimenta

admitiu: “Teve muita gente boa que podia ser aproveitada e não foi”. Já o líder da oposição na Câmara, Wolney Queiroz (PDT-PE), destacou não ser possível agradecer a todo o mundo, mas que “foi o acordo possível”.

Porém, partiram do PT de Minas Gerais as primeiras críticas à formação. “Muito espaço para o Centrão e acordos mal costurados. A composição foi muito malfeita, muitas escolhas pessoais com uma costura que não representa o plenário. Nove ministérios para o Centrão é muito. E não tem a ver com o PT, que

já tem muito mistério. Prevejo é problemas na Câmara”, disse o deputado federal Reginaldo Lopes (PT-MG). Até quarta-feira, ele era nome convidado para integrar o governo e, ontem, para acomodar aliados do centro, foi desconvidado da Esplanada.

Mas se a engenharia de Lula foi complexa, a do senador Davi Alcolumbre (UB-AP) também foi simples, ao indicar o governador do Amapá, Waldez Góes, do PDT, para uma das vagas da cota do União Brasil. Já o aliado e indicado do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL),

Elmar Nascimento (União-BA), acabou vetado pelos petistas da Bahia, onde sempre foi um opositor ao PT.

O veto foi negado pelo futuro líder do governo no Congresso, senador Rolf de Oliveira (Rede-AP). “Teve interferência zero do presidente da República. As escolhas foram feitas pelo União Brasil, e os nomes, entregues para nós. Em nenhum momento, da nossa parte, chegou a ter veto”, ressaltou. Se a escolha do Góes mostrou a força de Alcolumbre, apontou também a redução da influência de Lira no próximo governo.

A adesão do União Brasil, partido do senador eleito Sergio Moro (PR), foi motivo de piada nas redes sociais e de apostas de aliados do novo governo de que o ex-juiz deixará a legenda.

Para o deputado petista Marco Aurélio (RS), “Moro não deve aguentar até fevereiro”. Já Rolf de Oliveira disse que o senador eleito deveria mostrar coerência. “Se ele fosse coerente, teria de sair de um partido que faz parte do governo Lula.”

O parlamentar enfatizou que o acordo com a legenda envolve apoio nas duas casas legislativas. “Foi prometido que todas as bancadas do União Brasil, tanto no Senado quanto na Câmara, votarão conosco”, ressaltou.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



## Morte de Pelé ofusca os novos ministros

A Esplanada, com 37 novos ministros indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, representa uma coalizão de nove partidos no primeiro escalão. Há 11 ministros sem filiação ou vinculação partidária. Ontem, foram indicados os 16 que faltavam, entre os quais duas estrelas, Simone Tebet (MDB) no Planejamento e Marina Silva (Rede) no Meio Ambiente, ambas ex-candidatas a presidente da República. MDB, União Brasil e PSD levaram nove dos novos indicados, a maioria políticos sem projeção nacional. Agora, Lula administra o descontentamento do Solidariedade, PV e Cidadania, partidos que o apoiam no segundo turno e ficaram fora do primeiro escalão. Lula pretende ampliar seu governo com indicações dessas legendas para cargos importantes no segundo escalão, mas isso ficará para depois da posse.

Entretanto, o anúncio dos novos ministros foi completamente ofuscado pela morte de Pelé, aos 82 anos, que estava internado em estado grave, no Hospital Alberto Einstein, em São Paulo. Ele era a personalidade brasileira mais admirada e reconhecida internacionalmente; sua morte está tendo enorme repercussão mundial. Foram proféticas as palavras do escritor e jornalista Nelson Rodrigues, ao ver Edson Arantes do Nascimento jogar pela primeira vez e se surpreender com a idade do craque: “É um menino, um garoto. Se quisesse entrar num filme da Brigitte Bardot, seria barrado”, escreveu na coluna intitulada “Meu personagem do ano”, de janeiro de 1958. Pelé tinha apenas 17 anos.

“Mas, reparem: é um gênio indubitável! Pelé podia virar-se para Michelangelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los com íntima efusão: ‘Como vai, colega?’”. Pelé foi coroado rei do futebol pelo cronista em março de 1958, quando Nelson Rodrigues escreveu na *Manchete Esportiva*: “Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável — a de se sentir rei, da cabeça aos pés”. Manteve a coroa de forma eterna. Para os especialistas, será muito difícil surgir um jogador tão completo quanto ele. Tive o privilégio de vê-lo jogar no Estádio Mario Filho, no Maracanã, contra o Flamengo e com a camisa rubro-negra, ao lado de Zico, na década de 1960.

Ele foi personagem marcante do meu primeiro trabalho remunerado, ainda na adolescência. Minha missão era retransmitir os jogos da Copa da Inglaterra (1966) na loja de venda de anúncios classificados dos jornais *O Dia* e *A Notícia* na Baixada Fluminense, à na Rua Manoel Teles, em Duque de Caxias. A tarefa consistia basicamente em ligar e desligar o rádio e os alto-falantes, abrir e fechar a loja, que mais tarde viria a abrigar a sucursal dos dois diários de Chagas Freitas na Baixada Fluminense e na qual comecei minha vida de repórter, em fevereiro de 1969. Ainda não havia transmissão direta por tevê.

A preparação da Seleção Brasileira de futebol foi a mais atabalhoada campanha já feita, apesar de os jogadores chegarem com a aura de bicampeões do mundo. Na preparação, o técnico Vicente Feola convocou 47 jogadores, que se revezavam em quatro times. A equipe passou por Lambari, Caxambu, Teresópolis, Três Rios e Niterói antes de viajar a Londres. Paulo Amaral, o preparador físico, deu lugar ao professor de judô Rudolf Hermann, cujos métodos eram inadequados para o futebol. Apesar de massa muscular, o fôlego não aguentava os 90 minutos de correria em campo.

## Dois Copas

Além disso, a equipe titular somente foi escalada e passou a treinar às vésperas da Copa. Reuniu craques de 1958 e 1962, como Pelé, Garrincha, Gilmar e Bellini, e jogadores que ainda iam se destacar com a camisa do Brasil na Copa do México de 1970, como Gérson, Jairzinho, Lima e Tostão. Na estreia, o Brasil ganhou da Bulgária por 2 x 0, gols de Garrincha e Pelé. A multidão, que acompanhava os jogos pelos alto-falantes, sorria, urrava e chorava de alegria. Quando o jogo acabou, fechei a loja, fiz um lanche no City Caxias, o bar da esquina, e fui para a rodoviária pegar o Meier-Caxias, de volta casa, no Engenho Novo, no Rio. A sensação era de sócio da vitória da Seleção e de dever cumprido.

No jogo seguinte, porém, veio a decepção. Antes de a partida começar, concentrada sob os pilotos do prédio onde ficava a loja, a multidão já estava apreensiva, porque Pelé não entrou em campo contra a seleção da Hungria. O rei havia sido perseguido implacavelmente pelos zagueiros da Bulgária; foi vitorioso, mas acabou contundido. Com ajuda dos camaradas búlgaros, os húngaros venceram por 3 x 1 e acabaram com invencibilidade brasileira de 13 jogos em mundiais. A última derrota havia sido justamente para a Hungria, em 1954, na “Batalha de Berna”, como o jogo ficara conhecido, por causa da briga entre os atletas das duas equipes.

Pelé entrou em campo no jogo seguinte, e a esperança voltou aos torcedores, que vivavam quando o locutor narrava as jogadas do craque. A vaga para as quartas de final estava sendo disputada com a seleção de Portugal. Entretanto, Pelé jogou contundido, na base do sacrifício; de novo, foi duramente caído pelos adversários, sem condições físicas de escapar das chuteiras dos marcadores. O Brasil foi derrotado por 3 x 1 e eliminado da disputa. Quando a partida terminou, meu trabalho acabou. Desliguei os alto-falantes, o rádio, fechei a loja e fui para casa chorando, como a maioria dos torcedores. É a mesma tristeza que senti ontem, só que agora é irreparável, ao contrário do que aconteceu em 1970. Na Copa do México, que assistimos ao vivo e em cores pela tevê, Pelé e seus companheiros conquistariam o tricampeonato mundial de futebol para o Brasil.